860

GRAU DE CONHECIMENTO DOS ALUNOS DE MEDICINA SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS

A.I.M. Gomes, C.S. Alcici, G.M. Figueiredo, L.C. Ferreira, M.D. Gonzales, T.F. Souza, N.B.D. Santos

Escola de Medicina Souza Marques da Fundação Técnico-educacional Souza Marques, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo apontar o grau de conhecimento sobre cuidados paliativos (CP) em estudantes da graduação de Medicina, e sinalizar a importância desse ensino tanto para os futuros médicos, pacientes e familiares. **Materiais e métodos:** Revisão sistemática da literatura, utilizando as bases de dados das plataformas SciELO, PubMed e Revista Brasileira de Educação Médica, entre os anos de 2010 e 2017, com os descritores "estudantes de medicina", "cuidados paliativos", "ensino", "palliativecare". **Resultados:** Os alunos do primeiro ao quarto demonstraram ganho de conhecimento em CP ao longo da graduação em Medicina. Entretanto, a diferença entre os alunos do quarto e do sexto ano, considerando a carga acadêmica do internato, foi bem abaixo da esperada. A respeito da importância da equipe interdisciplinar nos CP, a maior parte dos alunos acreditam que o médico seria o único responsável pelas decisões. Os estudantes também apontaram faltar na sua formação a inclusão de uma disciplina que tratasse de questões como o processo de morte e do morrer, e a falta um espaço para abordagem dos aspectos emocionais e sociais do ser humano, como o contato com o paciente sem possibilidade de cura. Por último, com relação a morte em casa, a maioria acredita que morrer em hospital, com intervenções seria menos dolorosa do que em casa com os devidos cuidados de fim de vida. **Discussão:** Os alunos do ciclo básico de Medicina (1°-4°ano) demonstraram algum conhecimento sobre CP, porém sem aprimoramento durante o internato (5°-6°ano). Além disso, eles se formam com a percepção de que a morte é uma derrota, sendo a busca pela vida o único caminho viável. Não os é ensinado a qualidade de fim de vida, ou mesmo o cuidados para os pacientes sem melhora iminente. Constata-se, portanto, que o nível de conhecimento em CP entre os estudantes de medicina não é satisfatório, sendo importante inserir na graduação a prática de CP em ambulatórios/enfermarias ou até mesmo home-care. Essa prática ensinaria também a importância de uma equipe multidisciplinar em todo processo do cuidado, a possibilidade de diminuição de procedimentos invasivos, e o respeito à dignidade do paciente. Os CP estão diretamente ligados a melhoria na qualidade de vida dos pacientes e familiares, sendo a ampliação do ensino em CP um admirável e imprescindível benefício para a grade do curso. **Conclusão:** De acordo com a revisão realizada, pode-se concluir que há necessidade de aprimoramento sobre os conhecimentos de CP entre os alunos do curso de Medicina, somado ao número crescente de pacientes que necessitam desta abordagem médica. A criação de uma disciplina teórico-prática específica, a participação de Ligas Acadêmicas que abordem o tema, e estágios na áreapoderiam sanar as deficiências educacionais aqui levantadas, preparando-os para o futuro próximo, em que serão os profissionais responsáveis pelo tratamento e alívio da dor desses pacientes e familiares.

https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.862

861

PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES ATENDIDOS PELO AMBULATÓRIO DE HEMATOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE MARÍLIA (UNIMAR)

V.A.C. Tofano, I.V. Zattiti, A.A. Correia

Universidade de Marília (UNIMAR), Marília, SP, Brasil

A hematologia enfrenta grandes barreiras necessárias para alcançar a resolutividade clínica devido à fragilidade dos processos de referências dos serviços de saúde, poucos estudos epidemiológicos na área, dentre outros fatores que podem motivar o encaminhamento ao especialista. Desse modo, o objetivo desse estudo foi analisar as confluências referenciais e o perfil clínico-epidemiológico dos atendimentos no ambulatório de Hematologia da Unimar (AME). Trata-se de um estudo transversal, na qual foi realizada a coleta com um roteiro padronizado nos prontuários durante o período de 35 semanas, com 39 dias de atendimentos no AME, sendo atendidos 203 pacientes que foram classificados em faixas etárias, sexo e referenciais de acordo com as séries hematopoiéticas e se houve anexo de exame laboratorial para análise qualitativa das confluências e prevalência. O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa. Dos 203 atendimentos, 80 homens (39,40%) com média de idade de 61,32 e 123 mulheres (60,59%) com média de idade de 54,93, tendo uma prevalência e procura precoce feminina. Além disso, dentro dos achados, pode-se verificar um aumento gradativo com uma predominância do número de casos de anemia ao longo da idade e pode estar acompanhada com outros distúrbios o que torna, muitas vezes, um desafio clínico. Dos 203, 165 (81,28%) dos encaminhamentos não apresentavam dados completos ou exames anexados. Dentro da especialidade para se realizar um diagnóstico é essencial o hemograma anexado ou informações completas do mesmo. Devido a isso, há novas solicitações para avaliação, sendo oneroso para o sistema e para o cliente. A análise das confluências do encaminhamento (referência) e o diagnóstico/suspeita da especialista (contrarreferência) tiveram predominância do distúrbio da série vermelha, com uma diferençade 4%, um percentual considerável frente ao tamanho da amostra – o sistema de referência e contrarreferência não era o objetivo inicial do presente estudo, no entanto, foi observado questões relativas ao tema que merecem maiores investigações no intuito de desvendar as dificuldades aqui apontadas –, e é válido mencionar que 1,97% dos encaminhados não tinham nenhuma alteração hematologia. Infelizmente, há encaminhamentos com baixa complexidade que poderia ter seguimento na Unidade de Saúde da Família (USF), o que levanta o questionamento quanto a fragmentação e recursos dos profissionais frente ao diagnóstico e ao manejo, a relação de uma incipiência estrutural das referências (principalmente no anexo